

An illustration of a lush Amazonian forest. In the foreground, a Native American man stands on the left, wearing a feathered headdress and holding a bow and arrow. In the upper right, a toucan with a large colorful beak flies through the sky. In the lower right, a jaguar is partially visible among the trees. The background is filled with dense green foliage and tall tree trunks.

# **CAIXA DA HISTÓRIA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL**

a criação de uma nação



# CAIXA DA HISTÓRIA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: A CRIAÇÃO DE UMA NAÇÃO

Realização



Patrocínio

Secretaria de  
Cultura e Economia  
Criativa



GOVERNO DO ESTADO  
**RIO DE JANEIRO**

Niterói, abril de 2023

ESTE MATERIAL FAZ PARTE DO PROJETO  
HISTÓRIAS DE PINDORAMA: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E INFÂNCIAS



CAIXA DA HISTÓRIA:  
INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: A CRIAÇÃO DE UMA NAÇÃO  
LIVRO DIGITAL PARA IMPRIMIR, RECORTAR E BRINCAR

Concepção e Texto  
Claudia Hlebetz Teixeira

Pesquisa Histórica e Iconográfica  
Claudia Hlebetz Teixeira

Desenhos e Ilustrações (capa, cenários e personagens)  
Evanildo Brito

Projeto Gráfico  
Claudia Hlebetz Teixeira

Realização  
Emabrinq Serviços e Brinquedos Educativos Ltda  
<https://www.emabrinq.com.br/>  
[https://www.instagram.com/emabrinq\\_brinquedos/](https://www.instagram.com/emabrinq_brinquedos/)  
[contato@emabrinq.com.br](mailto:contato@emabrinq.com.br)

Projeto Histórias de Pindorama  
<https://historiasdepindorama.com.br>

Patrocínio  
Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado do Rio de Janeiro  
[Edital Retomada Cultural RJ 2 — 2021]

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Teixeira, Claudia Hlebetz  
Caixa da história [livro eletrônico] :  
Independência do Brasil : a criação de uma nação /  
Claudia Hlebetz Teixeira ; [ilustração Evanildo  
Andrade Brito]. -- 1. ed. -- Niterói, RJ :  
Histórias de Crianças, 2023.  
PDF

ISBN 978-65-980222-0-4

1. Brasil - História - Independência -  
Literatura infantojuvenil I. Brito, Evanildo  
Andrade. II. Título.

23-154588

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**


1. Brasil : História : Literatura infantojuvenil  
028.5
2. Brasil : História : Literatura juvenil 028.5



## Sumário

- 2 Apresentação
- 3 Pesquisa histórica e iconográfica
- 4 Arquivos digitais pesquisados
- 5 Cenário 1: Pindorama (texto explicativo)
- 6 Cenário 1: Pindorama (ilustração)
- 7 Cenário 2: Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (texto explicativo)
- 8 Cenário 2: Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (ilustração)
- 9 Cenário 3: Independência ou Morte! ou O Brado do Ipiranga (texto explicativo)
- 10 Cenário 3: “Independência ou Morte!” ou “O Brado do Ipiranga” (ilustração)
- 11 Sobre os desenhos e as ilustrações
- 14 Prancha 1 e Prancha 2 (textos explicativos)
- 15 Prancha 3 (texto explicativo)
- 16 Prancha 4, Prancha 5 e Prancha 6 (textos explicativos)
- 17 Prancha 7 (texto explicativo)
- 18 Prancha 8 (texto explicativo)
- 19 Prancha 1 (personagens)
- 20 Prancha 2 (personagens)
- 21 Prancha 3 (personagens)
- 22 Prancha 4 (personagens)
- 23 Prancha 5 (personagens)
- 24 Prancha 6 (personagens)
- 25 Prancha 7 (personagens)
- 26 Prancha 8 (personagens)
- 27 Orientação para montagem de cenários e personagens
- 28 Bases para colocar os personagens em pé
- 29 Orientação para montagem da caixa da história
- 30 Caixa planificada para ampliar, recortar, colar e montar





## Caixa da história: Independência do Brasil: a criação de uma nação

### Apresentação:

A Caixa da história: Independência do Brasil: a criação de uma nação faz parte do conjunto de materiais educativos que integram o **Projeto Histórias de Pindorama: histórias, memórias e infâncias**: livro digital de referência, livro digital infantojuvenil, minidocumentário, vídeo-livro, podcast e esta caixa-brinquedo para imprimir, recortar e brincar.

Esta é a primeira caixa de contação de histórias de uma coleção com temas que se relacionam à História do Brasil e do seu povo. O apoio institucional da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado do Rio de Janeiro, com os recursos do Edital Retomada Cultural RJ 2, viabilizou o trabalho de uma equipe multidisciplinar que desenvolveu, coletivamente, o trabalho que ora apresentamos.

A Caixa da história com o tema da **Independência**, com cenários e personagens, poderá ser baixada no computador, impressa, recortada e montada para que, brincando, as crianças e adolescentes possam realizar o aprendizado de um momento tão importante da formação do Brasil como nação.

Refletir sobre a História é refletir sobre nossa identidade e nossa memória que é feita de documentos e monumentos, mas é feita também de histórias, memórias, acervos narrativos, ou seja, tudo aquilo que é significativo e permanece em nós, em nossos modos de ser e de viver. Nesse sentido, entendemos que a História com letra maiúscula se realiza no miúdo do cotidiano, constituída pelas histórias de homens e mulheres que seguem suas trajetórias de vida em diferentes territórios, nas relações que estabelecem com seus grupos de convívio e de referência.

Esses são os fundamentos do projeto **Histórias de Pindorama: histórias, memórias, infâncias**. Contar a História do Brasil do ponto de vista das histórias vividas, valorizando o legado dos povos sementes dos quais somos herdeiros, entendendo que a memória se relaciona à reminiscência: os relatos que enlaçam homens e mulheres à sua própria história, mas também à história de sua coleti-



vidade.

Relacionando Leitura, Literatura e História, desenvolvemos um projeto para ser compartilhado virtualmente com conteúdo acessível e disponibilizado de forma gratuita.

Queremos convidá-los e convidá-las, então, a brincar e ouvir histórias sobre a Independência do Brasil, através dos materiais que compartilhamos com todos e todas vocês. Que esse aprendizado seja rico e fértil e que ele seja um caminho para compreender quem somos como povo brasileiro.

### **Pesquisa histórica e iconográfica:**

Para criar a Caixa da história: **Independência do Brasil: a criação de uma nação**, nossa equipe pesquisou, estudou, escreveu, refletiu e debateu sobre esse momento importante de nossa história, procurando respostas para uma questão importante: como se deu a participação do povo brasileiro nesse processo?

Vocês encontram o resultado desse trabalho no livro digital de referência: **Independência do Brasil: a criação de uma nação**, no livro infantojuvenil com o mesmo título e nos demais materiais disponíveis no site Histórias de Pindorama. Esse trabalho de pesquisa, estudo e reflexão também serviu como fio condutor da pesquisa iconográfica que serviu de referência para a criação das ilustrações e desenhos desta caixa.

Tendo a palavra Independência como palavra-chave e o ano de 1822 como marco temporal, além das leituras e da pesquisa histórica que fizemos, mergulhamos nos acervos digitais de diferentes instituições, buscando imagens que compusessem um panorama do Brasil do século XIX e mais que isso: que esse conjunto de imagens fornecesse uma perspectiva desse processo que não se efetivou, somente, no momento mesmo do “Grito da Independência”, mas se iniciou muitos anos antes, no momento em que os portugueses “descobriram” o Brasil, ou como também podemos afirmar: no momento em que Pindorama — como essa terra era chamada pelos povos que aqui viviam — foi invadida.



Cenários e personagens foram pensados e desenhados para que fosse possível contar essa história tão cheia de detalhes, tão feita de contradições e complexidade.

**Acervos digitais pesquisados:**

**Brasiliana Iconográfica**

<<https://www.brasilianaiconografica.art.br/>>

**Acervo Instituto Moreira Salles**

<<https://ims.com.br/acervos/iconografia/>>

**Enciclopedia Itaú Cultural**

<<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/>>

**Biblioteca Nacional Digital**


<<http://bndigital.bn.gov.br/>>

**Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin**

<<https://www.bbm.usp.br/pt-br/>>

**Museu do Ipiranga/USP**

<<https://museudoipiranga.org.br/>>



## Cenário 1 : Pindorama

Pindorama, a Terra das Palmeiras, era assim chamada pelos povos originários que aqui viviam. O impacto da chegada não só dos portugueses, mas de outros europeus nesse território, há mais de 500 anos, foi brutal. No início da colonização, eram 5 milhões de indígenas que integravam diversas etnias, com línguas diferentes, diferentes histórias e costumes.

Estima-se que o saldo da conquista desse território foi a morte de mais de 4 milhões de pessoas como consequência do uso da força indiscriminada, das doenças dos brancos invasores, da resistência contra a invasão e do trabalho forçado.

Para além da brutalidade sobre os corpos, uma outra força se efetivou, mais invisível, mas tão cruel quanto a anterior: o apagamento ou a destruição de seus modos de ser e viver, da sua cultura, do seu conhecimento sobre o mundo ao redor e sobre aqueles que o habitavam.

Podemos dizer que o processo de emancipação política do Brasil — a Independência — começou, na verdade, 300 anos antes, quando o Brasil era Pindorama, quando tornou-se um território “descoberto”, conquistado e explorado no contexto dos interesses políticos e econômicos da metrópole portuguesa.

O que teria acontecido se Pindorama não tivesse se transformado em Brasil?

# CENÁRIO 1: PINDORAMA







## Cenário 2: Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro

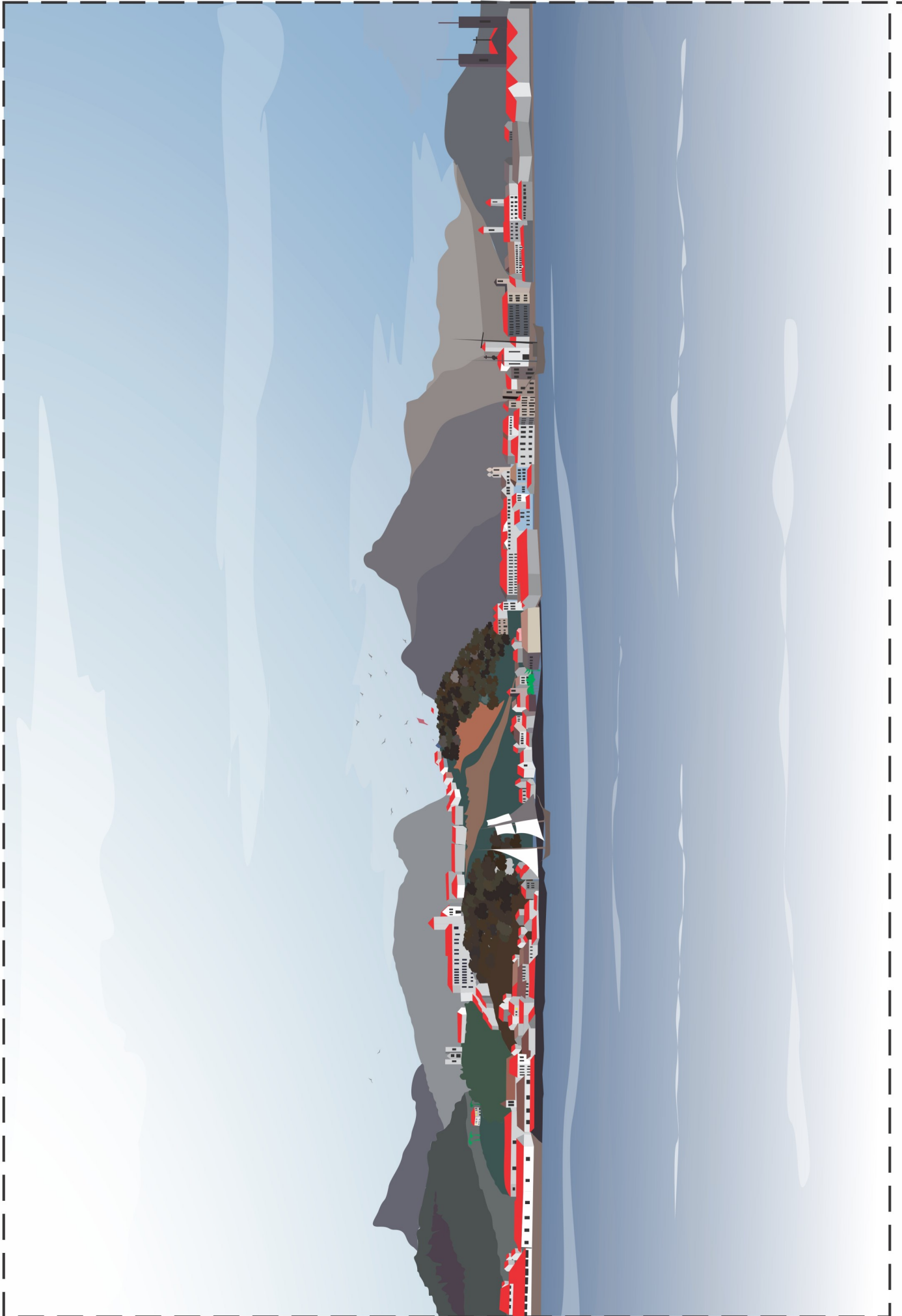
A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro foi fundada por Estácio de Sá no contexto da luta pelo território formado pela Baía de Guanabara e arredores. Lutando contra os franceses e tamoios, o sobrinho de Mem de Sá — Governador-Geral da colônia portuguesa — retomou o território, expulsando os franceses e instalando a cidade nas proximidades do Pão de Açúcar, em 01/03/1565. O nome da cidade era uma homenagem ao Rei de Portugal, D. Sebastião.

Seu complemento, Rio de Janeiro, se deve ao fato de que, em 1502, quando os portugueses chegaram até à Baía de Guanabara, era janeiro e eles pensaram, por engano, que haviam encontrado a foz de um rio.

Desse modo, o Rio de Janeiro foi território de disputa, sede do governo colonial, capital da corte portuguesa e, depois, do Império do Brasil. Mas se o Rio de Janeiro foi denominado assim pelos portugueses, é bom lembrar que a região antes dessa invasão e conquista era território Tupinambá: os seus primeiros habitantes, eram os moradores ancestrais da baía de Kûânâpará, que hoje chamamos de Guanabara e que significa “baía semelhante ao mar”.

A principal comunidade Tupinambá era a aldeia Karióka que era localizada próximo à nascente do rio do mesmo nome. Hoje, carioca é como chamamos os que nascem no Rio de Janeiro, o que sinaliza que muito precisamos aprender sobre os povos originários que aqui viviam e sobre a sua história, que no final das contas, é a nossa também.

# CENÁRIO 2: CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO





### Cenário 3: “Independência ou Morte!” ou “O Brado do Ipiranga”

A Independência do Brasil foi um processo que se efetivou de acordo com os interesses da própria corte portuguesa. Diferente da América Espanhola, que viveu uma sucessão de processos revolucionários de independência, o Brasil não vivenciou esse processo de forma revolucionária e a participação popular foi nula. Não que não houvesse descontentamento com a metrópole, não que não houvessem revoltas e rebeliões desde os primórdios da instalação do empreendimento colonial nesse território. O fato é que o nosso processo de emancipação foi capitaneado pelo próprio herdeiro da Coroa Portuguesa. O herdeiro da metrópole, que havia transformado Pindorama em Brasil 300 anos antes.

O interessante nessa história é o esforço que foi feito por anos seguidos, após a Independência, para dar a D. Pedro I o lugar de um grande herói nacional. Um exemplo disso é o quadro “Independência ou Morte!” ou “O Brado do Ipiranga”, pintado por Pedro Américo, em 1888. Esse quadro retrata uma cena que de fato não ocorreu: a imagem, tão conhecida das páginas dos livros didáticos, que retrata D. Pedro no seu cavalo, segurando uma espada, dando o “grito”, cercado por sua tropa, sendo observado por quem passava por ali. Essa pintura tem a ver com a intenção de relacionar o processo de criação da nação à ação direta de um líder, de um herói representado pela maior autoridade do país na ocasião, escondendo o fato de que o pacto colonial que se quebrava, na verdade, continuava sublinhando os interesses dos que dominavam o país. Portugal transferiu sua dívida externa com a Inglaterra para o Brasil e a colônia, que passou a ser Império, pagou a conta dos 300 anos do colonialismo. Conta essa, diga-se de passagem, cujas consequências a gente observa até hoje, não é mesmo?

A ilustração a seguir teve como referência o quadro de Pedro Américo, mas é também resultado de uma reflexão sobre a ideia, tão divulgada e comumente aceita, de que D. Pedro foi o herói desse processo. Por isso, colocamos atrás dele o povo brasileiro formado pelos povos originários de Pindorama, pelo povo negro escravizado trazido à força da África e pelos homens e mulheres pobres, mestiços, seus conterrâneos e descendentes. Homens, mulheres e crianças descalços que, com sua presença, expressam a luta histórica e cotidiana, no passado e no presente, por resistir à violência e a opressão e por sonhar em existir num país de justiça e igualdade.

# CENÁRIO 3: “INDEPENDÊNCIA OU MORTE!” OU “O BRADO DO IPIRANGA”







## Sobre os desenhos e ilustrações

Em 1822, ano da Independência do Brasil, a estrutura social da colônia portuguesa era decorrência do próprio sistema colonial implantado aqui desde a época do “descobrimento”, mais de 300 anos antes.

O sistema colonial se assentava na monocultura de exportação, no latifúndio e na mão de obra escrava para que, assim, o custo desse processo produtivo fosse o menor possível para o colonizador. Já o lucro daí decorrente deveria ser, ao contrário, o maior possível.

A monocultura se centrava num único produto voltado para a exportação. Seja o pau-brasil, o açúcar, a borracha, o algodão e mais a extração do ouro, prata e pedras preciosas, tudo o que se produzia ou se extraía daqui tinha um único propósito: o aumento do poder e da riqueza acumulada, diretamente, nas mãos da metrópole portuguesa e, indiretamente, nas mãos das metrópoles europeias como um todo.


A economia colonial era voltada para fora, impedindo qualquer possibilidade de desenvolvimento interno por parte da colônia. Soma-se à esse arranjo — altamente benéfico para o explorador e profundamente prejudicial para os explorados — a mão de obra escravizada: o trabalho compulsório que não só garantia, mas ampliava a acumulação de capital nas mãos dos colonizadores e da aristocracia rural que aqui se formava.

Após 300 anos de exploração, o Brasil vivenciaria o processo de emancipação política como um processo feito como um acordo entre as classes dominantes. O povo continuava explorado e só era objeto de atenção quando, de diferentes formas, reagia a essa exploração mediante revoltas e rebeliões duramente reprimidas.

Em 1822, o Brasil tinha, aproximadamente, 4,5 milhões de habitantes, sendo que mais da metade era formada por negros africanos, seus descendentes e a população mestiça nascida aqui. Os indígenas representavam quase 20% desse total e os brancos em torno de 22%. Nas pranchas que se seguem, procuramos seguir esses parâmetros para dar uma ideia do que era a sociedade de então.

O Brasil Colônia que se tornou Império continuou a ser resultado de um 11





pacto que se fundamentava nos interesses das classes dominantes: concentração de renda e riqueza, economia de exportação, latifúndio e escravidão. A nação brasileira nascia com as marcas da exclusão, da violência e da desigualdade.


Pindorama se tornou Brasil, posse e propriedade daqueles que tomaram esse território como se fosse seu. Do embate e da mistura do português invasor com os indígenas e os negros africanos surgiu um *povo novo* que construiu sua identidade não apenas definida sob o jugo do colonizador, mas feita de raízes étnicas e culturais diversas, crenças, línguas, modos de ser e viver plurais que, ao mesmo tempo, antagônicos aos modos de vida do invasor europeu, com ele se fundem formando esse *povo novo* que já não é mais nenhum deles, mas traz em si as marcas de todos eles: o povo brasileiro.

É importante afirmar que o colonialismo encobriu nossa ancestralidade indígena e negra. Ele foi um empreendimento erguido sobre a destruição de muitos povos e pelo apagamento de suas histórias, culturas e ensinamentos. Nesse sentido, é interessante observar que a pesquisa histórica e iconográfica que fizemos para criar esta “Caixa da história” parte de um acervo de gravuras e pinturas feitas por estrangeiros: franceses, ingleses ou portugueses, entre outros, que retrataram os que aqui viviam de acordo com o seu olhar entre a admiração, o estranhamento e a superioridade.

Acervo que tem sua importância e valor no sentido do que nos ajuda a conhecer e compreender nossa própria história. Mas é importante, também, refletir sobre isso e procurar caminhos para encontrar as histórias que não foram escritas, que foram apagadas ou menosprezadas, mas que, por outro lado, foram ouvidas e repetidas vezes sem conta, passando de geração em geração, transformando-se em ensinamento e, por isso, permanecendo.

Descobrir os desenhos que não foram guardados nos acervos oficiais, mas desenhados na pele, na pedra, no tronco de árvore ou no pano tecido a várias mãos. Encontrar os objetos que não foram colocados nas vitrines dos museus mas que estão guardados na memória e na vida cotidiana como algo significativo, herança de antepassados: os que vieram antes de nós.

Os desenhos e ilustrações aqui compartilhados formam um conjunto de imagens para brincar e contar histórias sobre a **Independência do Brasil**. Que a esse material se somem os desenhos e as histórias daqueles e daquelas que com a “Caixa da história” irão brincar.



Esse é o nosso convite: pesquise, discuta, converse com quem está ao redor, desenhe e conte histórias para aprender sobre o Brasil e o seu povo.

Para saber mais sobre os povos indígenas, sobre a diáspora africana e a cultura negra, fizemos uma listinha com algumas sugestões. Esperamos que ela ajude todos e todas vocês a ampliar seu conhecimento sobre nosso povo.

Memorial dos Povos Indígenas @memorialdospovosindigenas

Apib — Articulação dos Povos Indígenas do Brasil @apiboficial

Museu do Índio @museudoindioj

Instituto Socioambiental <<https://acervo.socioambiental.org/>>

Casa da Tia Ciata @casatiaciata

Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros <<https://ipeafro.org.br/>>

Casa Sueli Carneiro <<https://casasuelicarneiro.org.br/>>

Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira @muhcabrio

Museu Bispo do Rosário — Arte Contemporânea @museubispodorosario

Instituto Pretos Novos Museu Memorial @institutopretosnovos

Museu do Samba @musedosamba

Para saber mais sobre a Independência, leiam o livro digital de referência que escrevemos e que é o resultado de nossa pesquisa e nossas reflexões sobre o tema: **Independência do Brasil: a criação de uma nação**, que vocês encontram no site **Histórias de Pindorama**.



## Pranchas com personagens

### Prancha 1:


Antes da invasão dos portugueses, viviam em Pindorama mais de mil povos que falavam diferentes línguas com diferentes culturas e modos de vida. Para os invasores eles eram os “índios”, mas na verdade eram **nações indígenas**: Tupi-Guaranis, Tapuias, Tupinambás, Temiminós, Tupiniquins e muitas mais. Os territórios que viriam a ser chamados de América e Brasil já eram habitados há milhares de anos e, com certeza, não tiveram como marco do início dessa existência o seu “descobrimento”.

### Prancha 2:

As sociedades indígenas tem a igualdade como um de seus fundamentos, onde os que integram uma aldeia tem importância e um lugar para desenvolver suas habilidades e sua existência sempre relacionada ao seu entorno: as pessoas, seus parentes e a natureza ao redor que também faz parte desses laços de pertencimento. Na época em que Pindorama virou Brasil, cada aldeia indígena tinha um chefe que não era alguém superior aos demais: caçava, pescava, trabalhava na roça e em tempos de guerra assumia o comando como **morubixaba** ou **tuxaua**. Foram muitos as guerras e os conflitos nesse embate entre o colonizador e o colonizado. Em nome das “guerras justas”, foram destruídas aldeias inteiras, massacrados e escravizados esses povos ancestrais.: Guerra aos Tamoios, Guerra aos Potiguara, Guerra dos Bárbaros, são alguns exemplos. Guerras que nos demonstram que o empreendimento colonial não foi um processo simples e absorvido sem luta.

---

Na **sociedade colonial** cada um tem seu lugar. Os **grandes fazendeiros** e suas famílias, os altos funcionários do governo e do clero, os grandes comerciantes e as **altas patentes militares** tinham dois objetivos centrais: o enriquecimento e a manutenção de seu poder e estilo de vida. Para os representantes da **classe dominante**, o povo era formado por gente sem educação e sem boa índole, pois



eram negros, mestiços, caboclos, crioulos. Livre e pobre ou escravizada, essa gente precisava ser disciplinada para fazer seu trabalho mal pago ou não remunerado e contida em suas revoltas ou levantes contra um sistema de tanta opressão. Vivendo uma vida de fartura, cercados de escravos e serviçais para toda obra, as famílias ricas não tinham qualquer empatia ou mesmo ideia do que era ter vida feita de falta e exploração.

### Prancha 3:

Maria Leopoldina, a Arquiduquesa da Áustria, chegou ao Brasil em 1817 já casada, por procuração, com D. Pedro, o herdeiro português. Educada, fluente em vários idiomas, interessada em mineralogia e botânica, a princesa traz em sua comitiva a Missão Austríaca composta por cientistas, estudiosos, gravuristas e pintores que retrataram e estudaram a paisagem natural e cultural daquela época em suas produções. Leopoldina teve grande influência nas decisões de seu companheiro. Junto à José Bonifácio, colocou-se contra os planos de Portugal de recolonizar o país e a favor de que Pedro liderasse o movimento de emancipação política.

---

A sociedade colonial é marcada pelo poder econômico e político dos senhores de terra que mandavam não só em suas propriedades mas em todos aqueles que estavam ao seu redor: seus escravos, sua família e agregados, os trabalhadores livres e pobres que trabalhavam nas atividades relacionadas a monocultura de exportação (vaqueiros, tropeiros, carpinteiros, feitores, capitães-do-mato). O poder concentrado em suas mãos era enorme. Em todas as instâncias eles defendiam seus interesses, seus negócios, sua família, e sua propriedade. Daí a afirmação de que a sociedade colonial era excludente, desigual e patriarcal — uma estrutura onde o homem branco, que pertencia à classe dominante, era detentor de grande poder, definindo pela força e autoridade as relações sociais aí vigentes. Estrutura que se mantém no pós-Independência e que, numa certa medida, segue presente até dos dias de hoje, com formas mais subjetivas de dominação.



#### Prancha 4:

Lavouras de cana, tabaco e algodão, estradas, moendas, minas, engenhos, fazendas, cozinhas, vendas, ferrarias, carpintarias, em todos esses lugares o trabalho era feito por **homens negros e mulheres negras escravizados**. Escravos e escravas de ganho, que vendiam o que produziam para o ganho do senhor, às vezes como forma de pagar por sua alforria. Escravos e escravas do campo e da cidade, negros de ofício, escravos e escravas domésticos. A escravidão era definida em lei e além da ideia de que o trabalho era algo inferiorizado, feito por gente “menor”, os colonizadores e seus descendentes difundiam a ideia de que a escravidão era uma coisa natural e justificada. Ideias que falavam da “superioridade” dos europeus, frente a “inferioridade” dos índios, negros e mestiços. É claro: era preciso manter o seu poder de mando e opressão e justificar aquilo que era injustificável.


#### Prancha 5:

O Brasil que deixou de ser colônia e se tornou Império — monarquia constitucional — continuava a ser definido pelas ideias e pela ordem imposta pelos senhores de terra, pela aristocracia urbana e rural, pelos ricos comerciantes e pelas autoridades — antes metropolitanas, agora imperiais — como uma nação sustentada pela superexploração do trabalho e pela exclusão da maioria da população. Mas essa **gente negra e mestiça** foi a grande responsável por construir um país ao mesmo tempo diverso e único. Na língua, nas danças, nas palavras, nos cantos, no alimento do corpo e da alma, o Brasil é indígena e também africano.

#### Prancha 6:

Refletir sobre o processo de escravização dos povos africanos, do seu sequestro e imposição do cativo e do trabalho escravo é refletir sobre a história não somente de um único povo, mas de muitos povos, com suas línguas, costumes, imaginário e diferentes condições de vida – história que, ao fim e ao cabo, foi registrada em textos e imagens produzidos sem a sua voz e percepção. No decorrer de mais de 300 anos de escravidão, essa massa trabalhadora escravizada produziu quase tudo aquilo que aqui se fez e gerou enorme lucros e enrique-





cimento aos que dominavam esse território. Ter escravos era símbolo de poder e de status social. O **prestígio social** era definido, entre outras coisas pelo número de escravos que a pessoa possuía. Desse modo, toda a sociedade de então, direta ou indiretamente, vivia do trabalho escravo.

---


A maioria da população brasileira em 1822 vivia no limiar da pobreza. Altamente excludente e desigual, só os “de cima” tinham vida de conforto e riqueza. A maioria do povo era formada pelos **trabalhadores escravizados** e pelos **trabalhadores livres e pobres**: os roceiros, os barqueiros, pastores, vaqueiros, as quitandeiras, os serventes, as lavadeiras e doceiras, os militares e policiais de baixa patente, os artesãos e pescadores: todos eles sem direitos, sem liberdade — fossem escravos ou não —, sem serem considerados como gente de valor.

#### Prancha 7:

A **capoeira** é ao mesmo tempo uma dança e uma luta criada pelos negros bantos vindos de Angola. Seu nome tem a ver com o fato de que os escravos das fazendas iam para os capinzais treinar seus movimentos, o que foi muito importante como forma de defesa nas lutas contra a escravidão. Interessante é saber que a palavra capoeira tem origem tupi: “o que foi mata” (*ka’a*: mata e *pûer*: que foi). Sobre as lutas contra a escravidão é, também, importante falar dos **quilombos** como espaços de resistência. É comum a ideia de que o quilombo era um lugar de escravos fugidos, mas os quilombos eram muito mais que isso. Eram espaços de descanso e acolhida, eram lugares de escravos fugidos, mas também de libertos, indígenas e brancos pobres, alguns com problemas na justiça. Havia quilombos nos arredores dos engenhos, fazendas, vilas e cidades. No Brasil, os quilombos fizeram-se presentes em todo o período da escravidão e espalharam-se por todo seu território.

---

Nas margens da sociedade escravista, surgiram atividades que não poderiam ser realizadas pelos escravos e não seriam aceitas pelos homens brancos com riqueza e poder. Entre elas, os **tropeiros** tiveram papel importante num território



rio cujo povoamento era ainda pequeno e disperso, concentrado nos polos econômicos, primeiro na região Nordeste e depois Sudeste, Sul e Centro-Oeste, movimentando-se de acordo com o ciclo econômico da vez. Durante todo o século XIX, as tropas de burros percorreram o país carregando produtos de exportação ou gêneros de subsistência. Foi ao longo das rotas desses tropeiros que surgiram os primeiros núcleos de povoamento do interior do país.

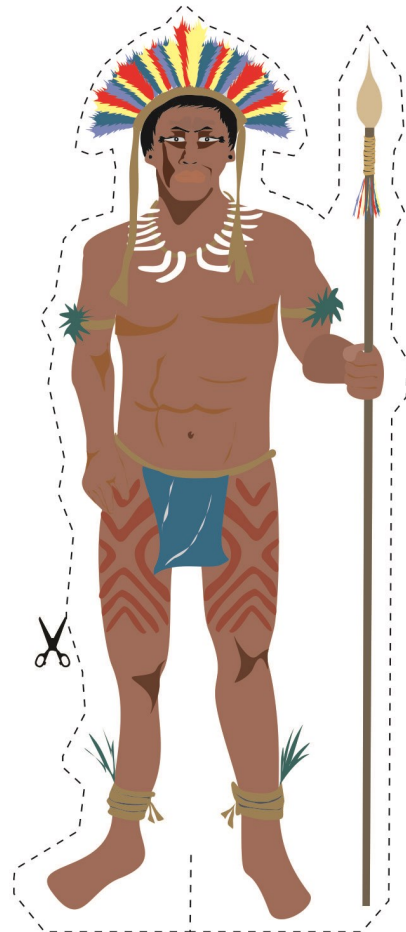
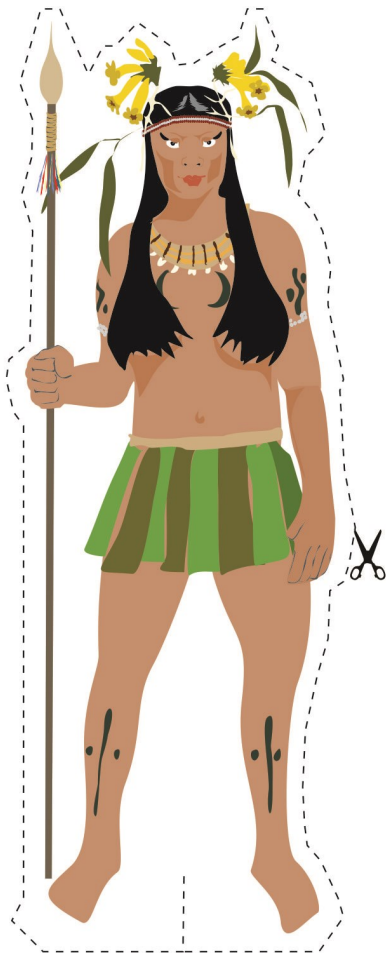
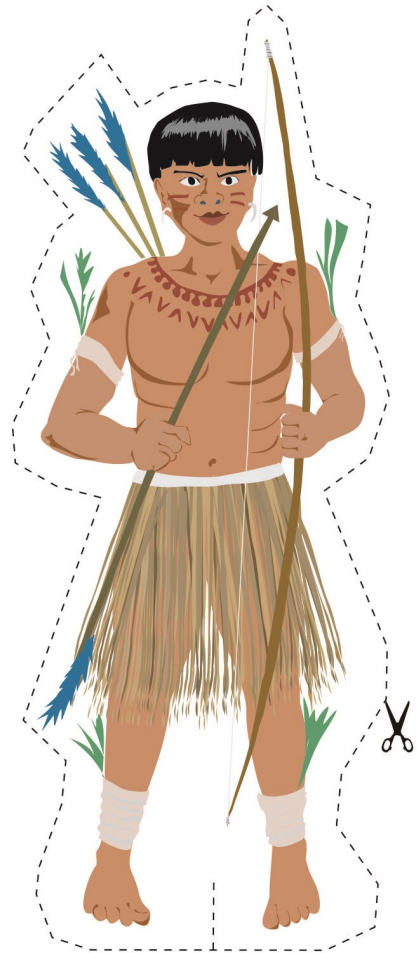
### Prancha 8:

Os senhores eram donos das terras e dos escravos, mandavam nas suas casas, nas fazendas, na política e na administração colonial — permanecendo assim depois da Independência. Mandavam, também, nos homens livres, brancos, negros ou mestiços, que trabalhavam para eles em várias atividades: eram mestres de ofício, transportavam mercadorias, eram vaqueiros, carroceiros, carpinteiros. Mandavam naqueles que os ajudavam a manter a ordem, a disciplina e a estrutura violenta do escravismo: os feitores e os **capitães-do-mato**. A sociedade escravocrata, assim, podemos dizer, se resumia nas relações entre dominadores e dominados.

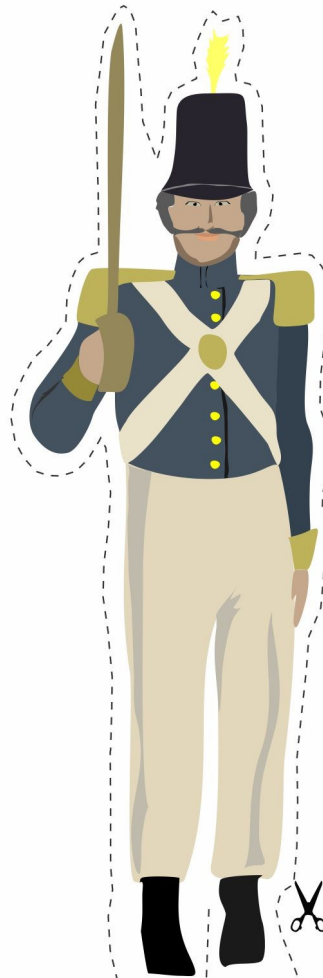
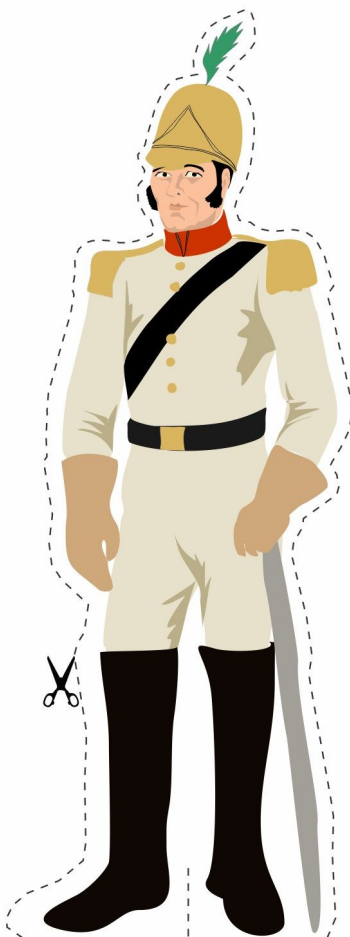
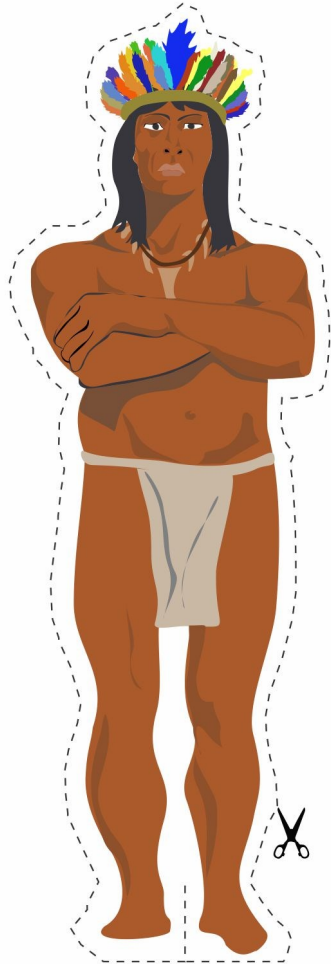
---

Mesmo com a emancipação política, o Brasil manteve uma **estrutura social** com fortes características coloniais: fazendeiros, aristocratas, a alta cúpula administrativa, militar e judiciária, o poder político, enfim, continuava nas mãos dos que dominavam e exploravam, desde sempre, a agora nascente nação brasileira. Tanta exclusão e desigualdade e a falta de espaço para a participação política da maioria da população, criaram um clima de tensão, conflito e repressão durante todo o Império. O Brasil foi Colônia, Reino Unido e, com a Independência, virou Império. Mas será que a Independência, realmente criou uma nação?

# PRANCHA 1



PRANCHA 2



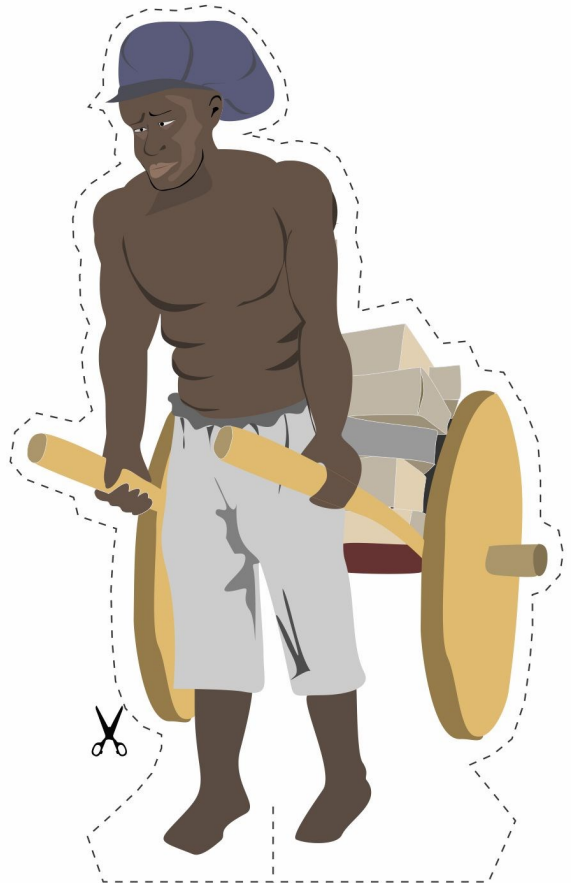
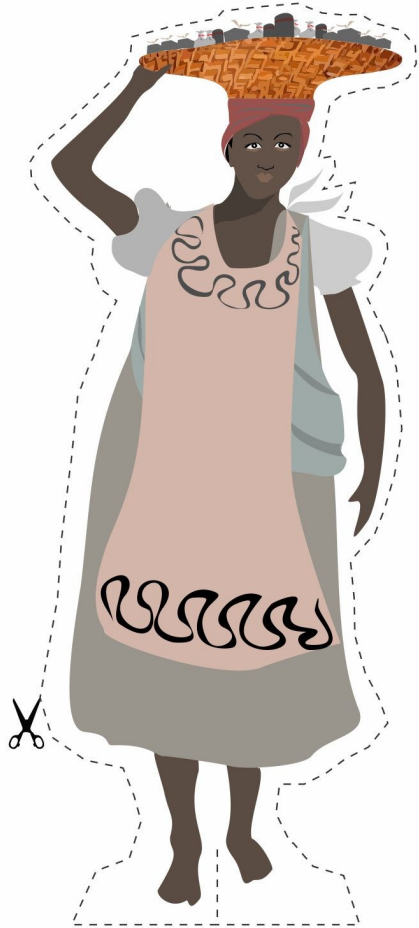


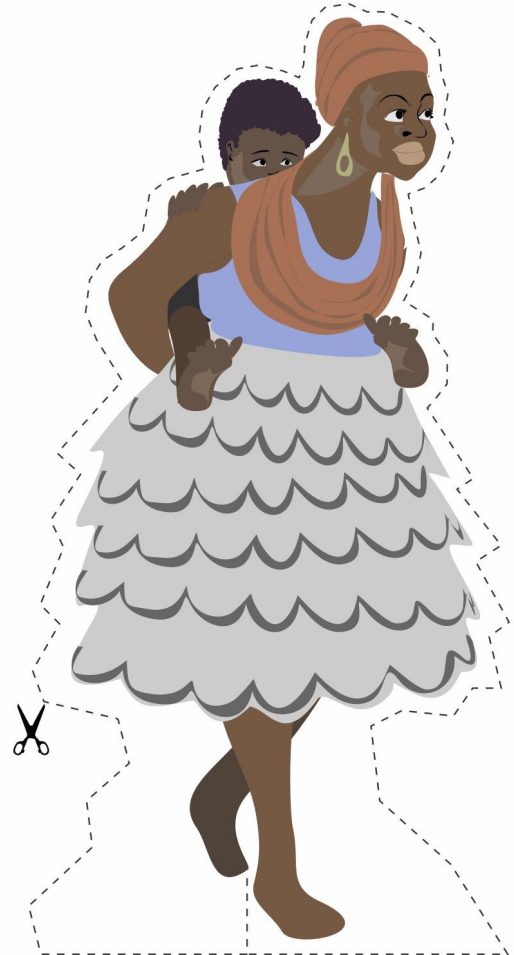
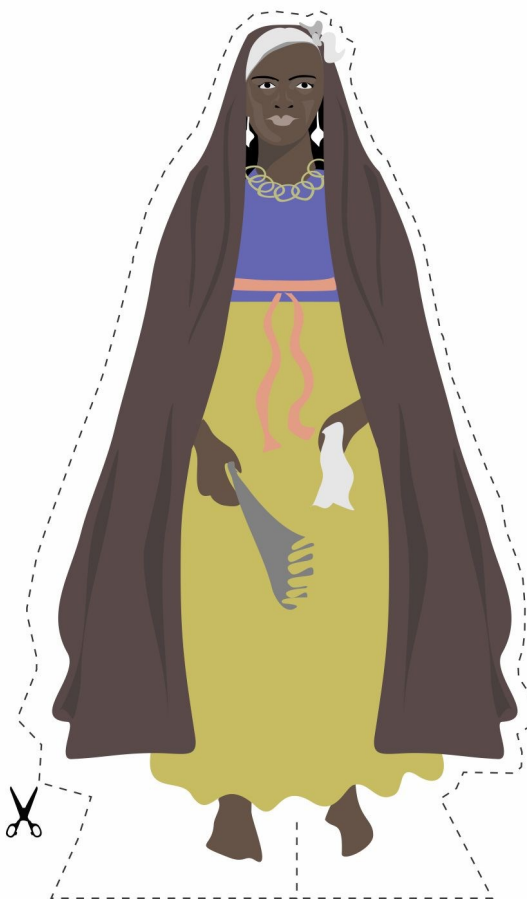
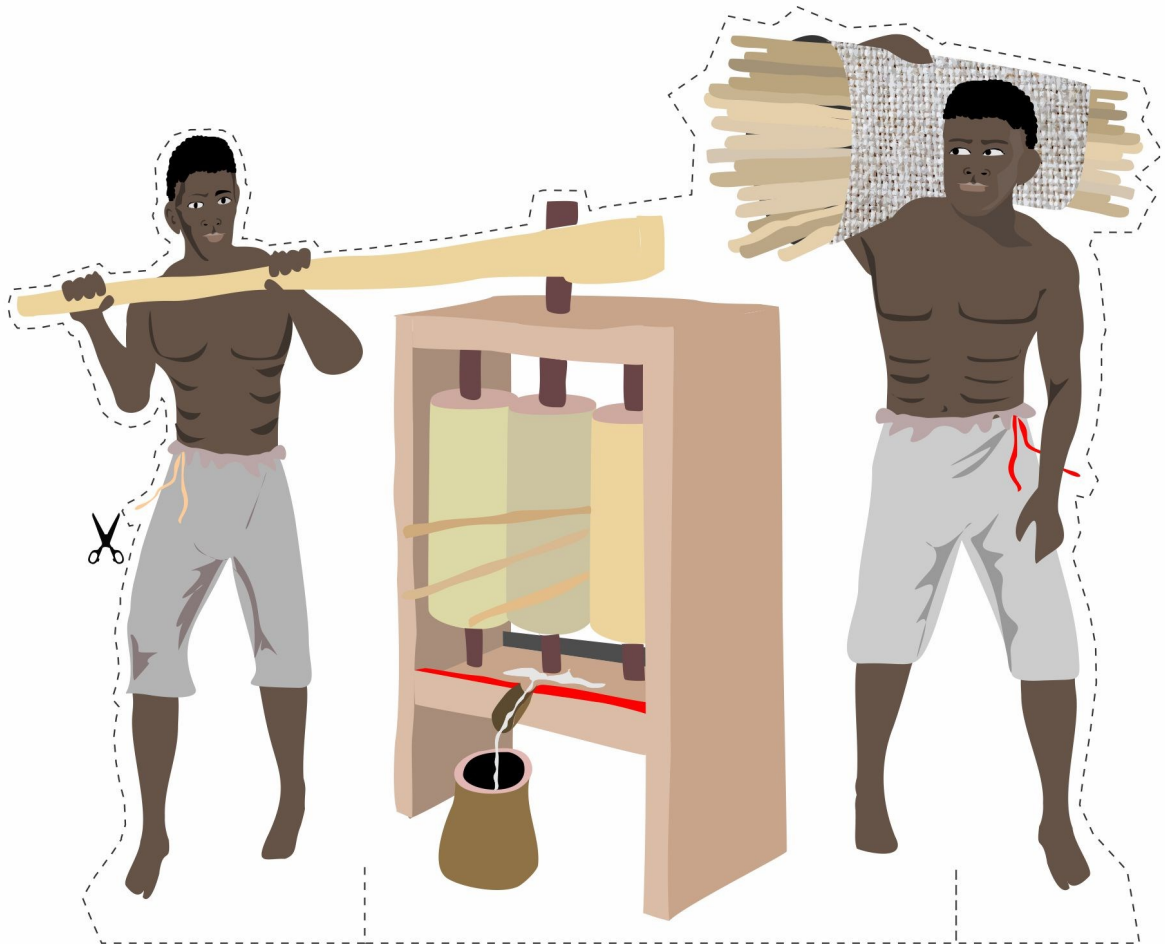
PRANCHA 3

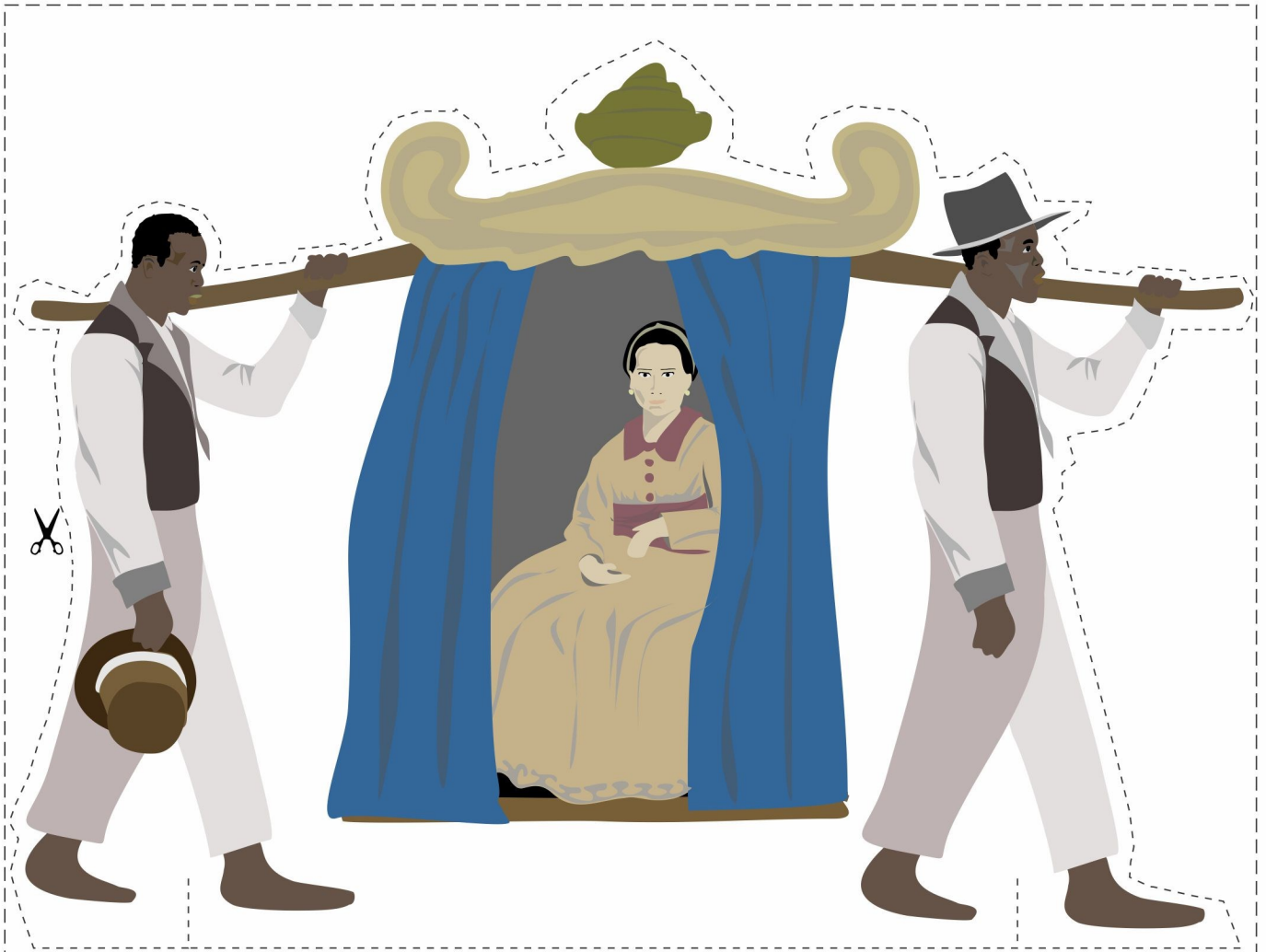


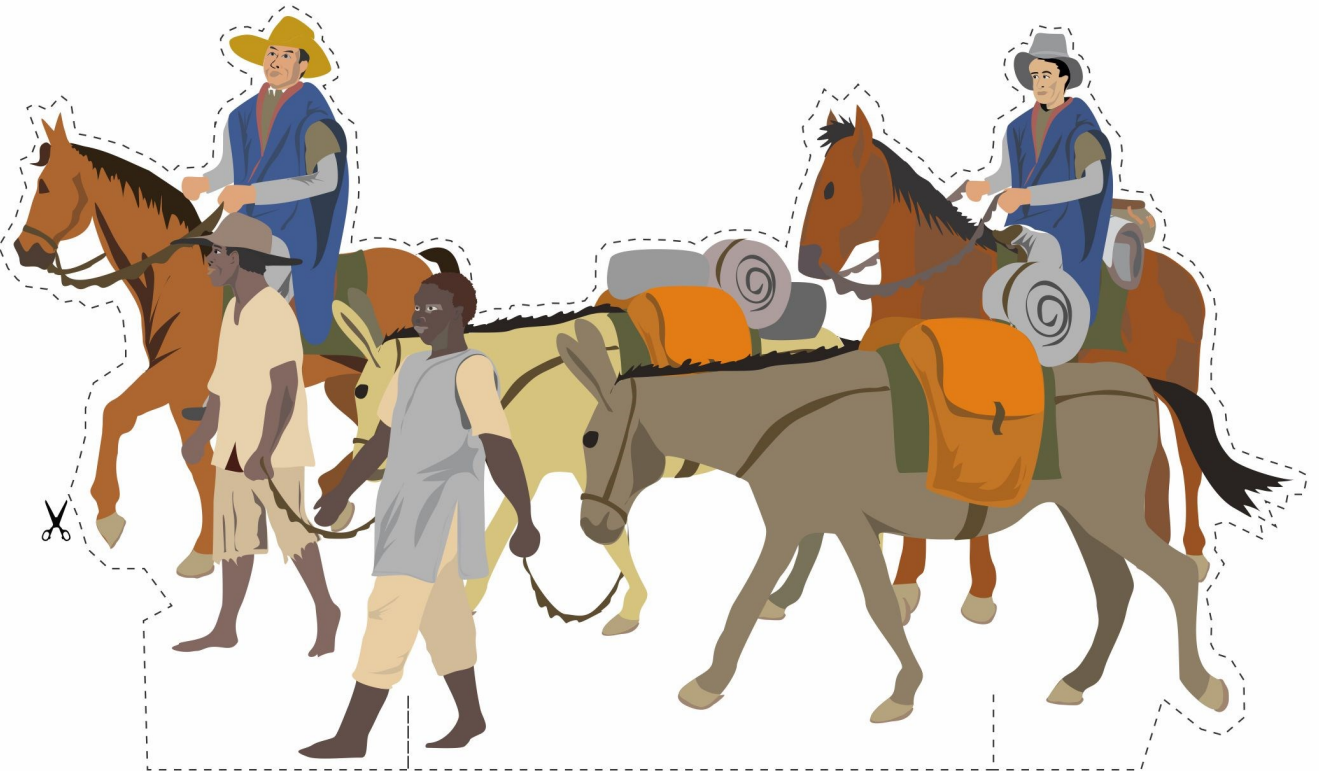


PRANCHA 4

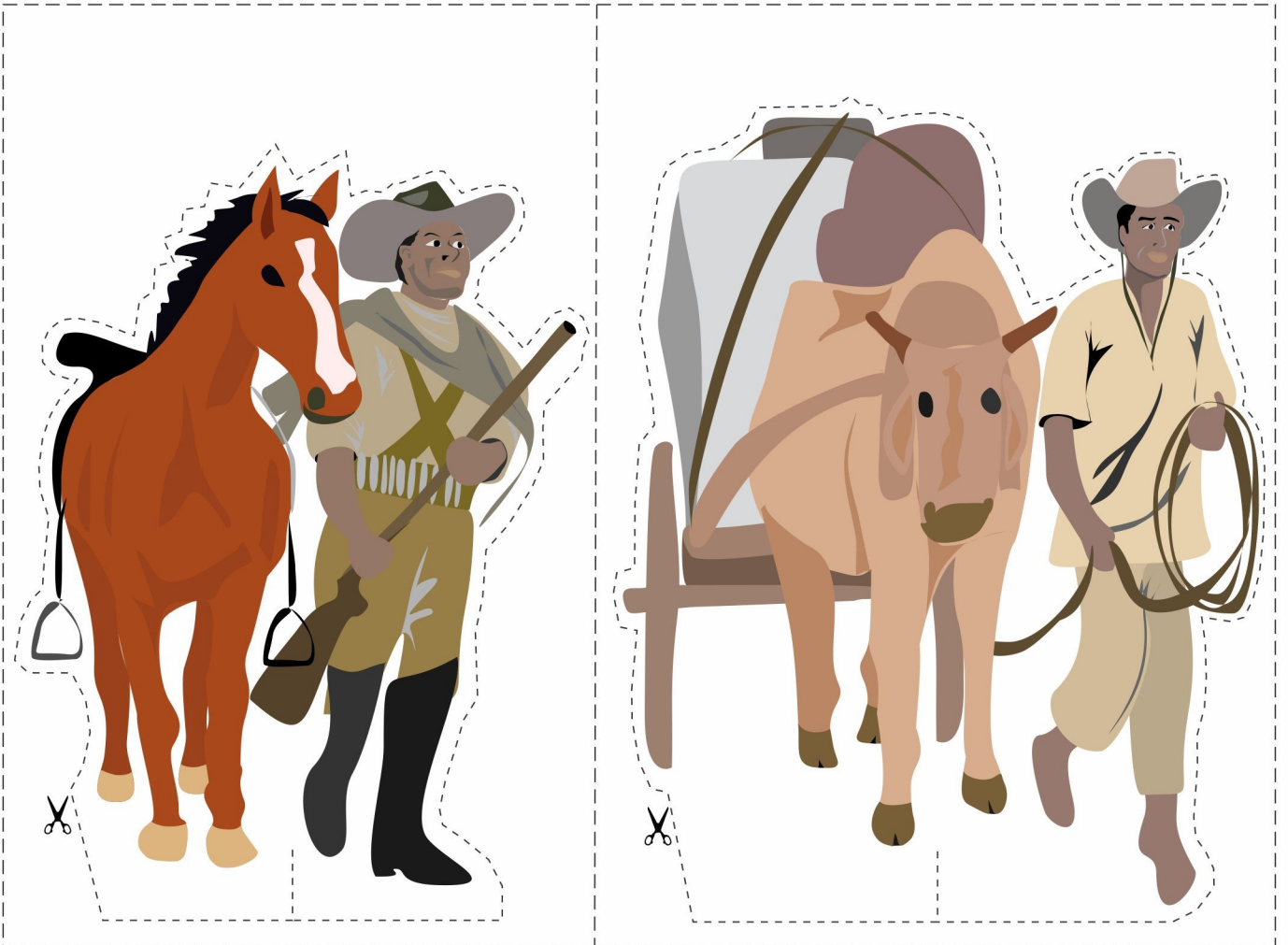














## Orientação para a montagem de cenários e personagens

Para montar a Caixa da história **Independência do Brasil: a criação de uma nação**, comece com a impressão dos cenários e das pranchas com personagens em papel A4 com 180g/m<sup>2</sup>, 200g/m<sup>2</sup> ou 240 g/m<sup>2</sup>, ou seja, use papéis com uma gramatura alta, mais grossinhos.

Se preferir, imprima em folhas mais finas e depois cole numa cartolina ou papelão. Imprima, também, a folha com as bases que ajudarão os personagens a ficarem em pé.

Recorte os cenários e cada personagem ou conjunto de personagens na linha tracejada. Os cenários podem ser colados numa caixa de papelão ou encostados na parede ou numa pilha de livros para criar o ambiente para a contação de histórias. Recorte os personagens e as bases na linha tracejada. Para colocar cada personagem em pé, corte na linha vertical que fica na parte inferior de cada desenho. Faça o mesmo com as bases, dando um corte na linha vertical na sua parte superior.

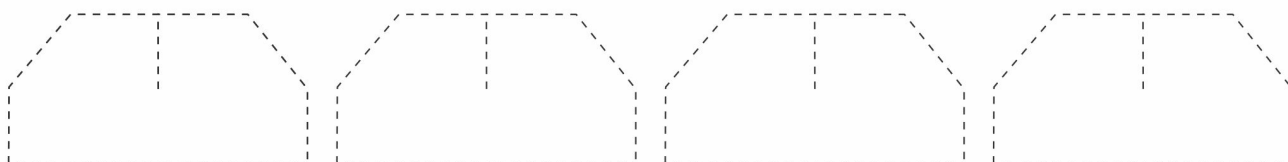
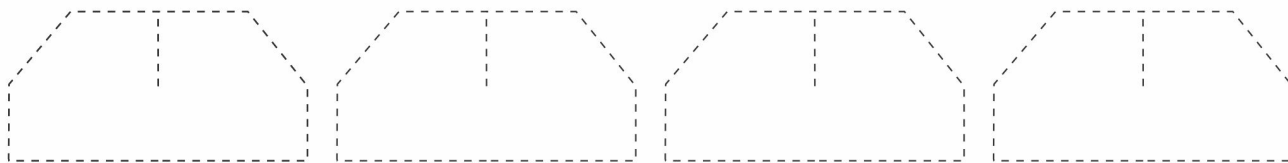
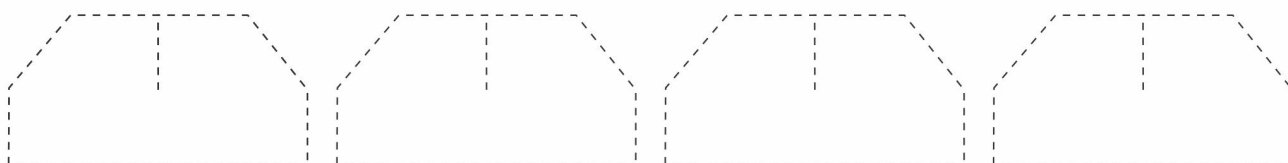
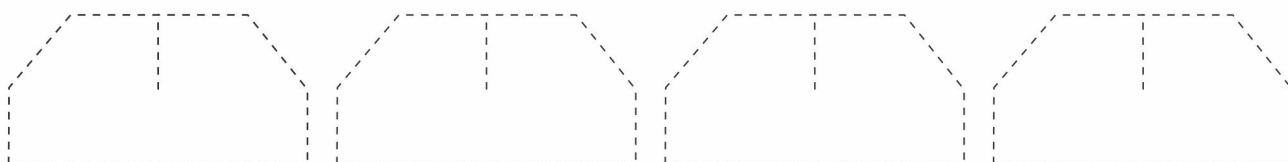
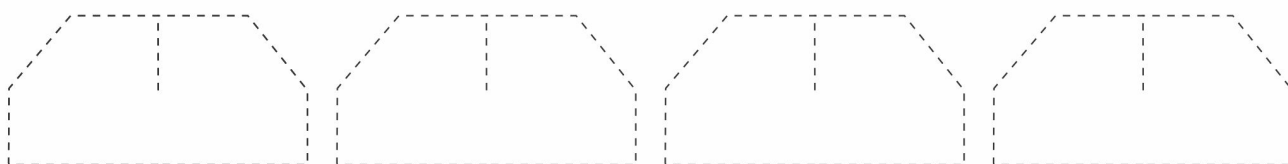
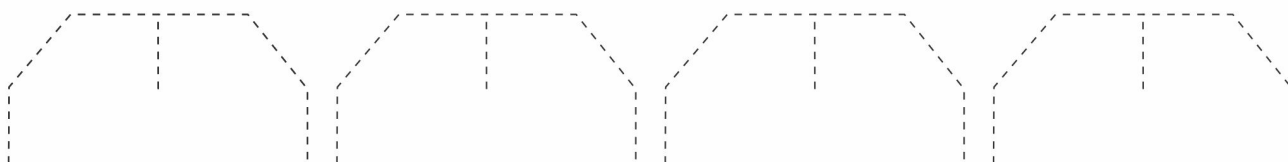
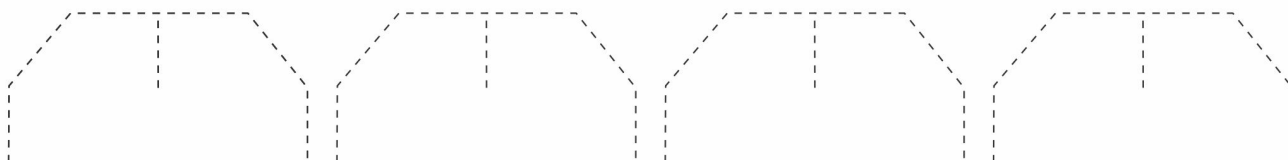
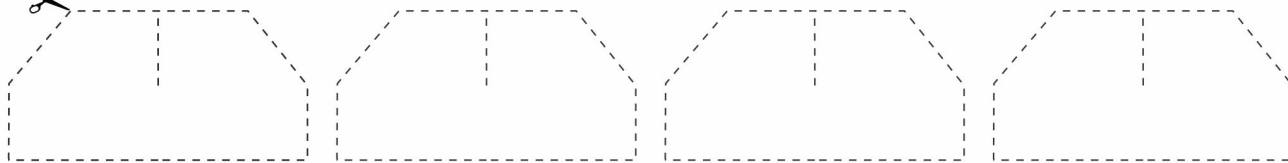
Para cada personagem individual, você usará uma base. Para um conjunto de personagens, você usará duas bases. É só seguir a linha de corte, indicada por uma tesourinha, que você vai conseguir dar conta dessa montagem.

Depois de tudo recortado, encaixe cada personagem ou conjunto de personagens em suas bases e tudo estará pronto para começar a brincadeira.

E que a brincadeira seja boa!



# Bases para colocar os personagens em pé

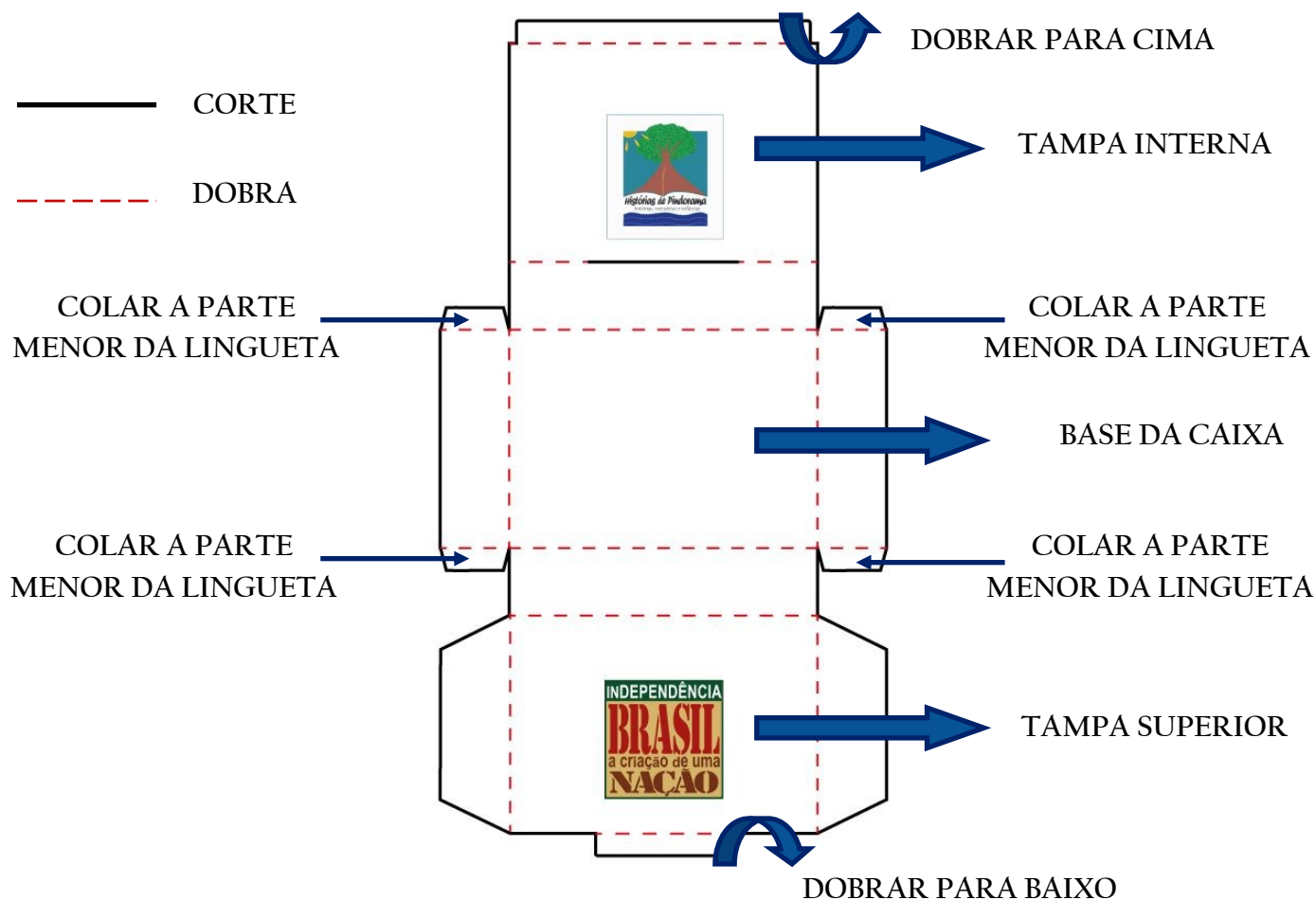


## Orientação para montagem da Caixa da história

Ao final deste livro digital, vocês vão encontrar o desenho de uma caixa planejada para ser ampliada, recortada e montada de acordo com o esquema abaixo. Nela vocês poderão guardar os cenários e personagens impressos e recortados para montá-los quando quiser. Você pode, também, se preferir, usar uma caixa reciclada de papelão para esse fim.

Desta forma, vocês terão pronta a **Caixa da história: Independência do Brasil: a criação de uma nação** e poderão começar a sua coleção de caixas de contação de histórias sobre a História do Brasil e do povo brasileiro.

Nela vocês terão, também, espaço para guardar seus próprios desenhos, ilustrações e personagens que serão incluídos nesta história que começamos a contar. Veja abaixo o esquema de montagem com as marcas de corte e dobra.



CAIXA PARA AMPLIAR ATÉ O TAMANHO A2, RECORTAR, COLAR E MONTAR  
DE ACORDO COM O ESQUEMA DA PÁGINA ANTERIOR



### Realização



### Patrocínio

Secretaria de  
Cultura e Economia Criativa



GOVERNO DO ESTADO  
RIO DE JANEIRO

Este livro digital pode ser compartilhado, na íntegra ou em parte, desde que preservada sua autoria e divulgado o projeto no qual se insere, excetuando o seu uso comercial. Todos os direitos desta edição pertencem a Emabrinq Serviços e Brinquedos Educativos Ltda. ME CNPJ 07.200.764/0001-70 e estão protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998.

